



***BANHO DE LUA: MOVIMENTOSSABERES SAPATÃO NA TRAVESSIA
POÉTICAERÓTICA ENTRE EXTENSÃO, PESQUISA, AFETO E INSUBMISSÃO***

***BAÑO DE LUNA: MOVIMIENTOSSABERES SAPATÃO EN LA
TRAVESÍA POÉTICAERÓTICA ENTRE EXTENSIÓN, INVESTIGACIÓN,
AFECTO E INSUMISIÓN***

***MOON BATH: SAPATÃO MOVEMENTKNOWLEDGES IN THE POETIC-
EROTIC CROSSING BETWEEN EXTENSION, RESEARCH, AFFECTION, AND
INSUBMISSION***

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)¹

Zuleide Paiva da Silva²

RESUMO

O artigo-conto performa uma escrita poéticaerótica política a partir das experiências de professoras sapatão em formação, articulando saberes produzidos na academia e nos movimentos sociais com práticas por justiça social, política e epistêmica. O objetivo é refletir os movimentossaberes entre academia e movimentos sociais de professoras sapatão em formação e, a partir da experiência sentida, vivida e vibrada, criar uma autoficção poéticaerótica em forma de conto. O conto se inscreve como método de pesquisa e intervenção, mobilizando epistemologias feministas, decoloniais e sapatão para tensionar a cisheteronormatividade e reivindicar a existência de corpos sapatão na universidade e na vida. O texto propõe movimentossaberes para nomear os deslocamentos afetivos, estéticos e políticos que atravessam o ser sapatão, afirmando a produção de saberes como processo encarnado e insurgente. Ao rememorar encontros e partilhas, evoca o desejo como potência de vida e resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentossaberes. Sapatão. Escrita poéticaerótica. Conto.

¹ Antes de qualquer coisa, poeta. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XIV*. Salvador, Bahia, Brasil.

² Doutora em Difusão do Conhecimento (UFBA). Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), *Campus XIV*. Salvador, Bahia, Brasil.

RESUMEN

El artículo-cuento performa una escritura poéticaerótica-política a partir de las experiencias de profesoras sapatão en formación, articulando saberes producidos en la academia y en los movimientos sociales con prácticas por la justicia social, política y epistémica. El objetivo es reflexionar sobre los movimentossaberes entre la academia y los movimientos sociales de profesoras sapatão en formación y, desde la experiencia sentida, vivida y vibrada, crear una autoficción poéticaerótica en forma de cuento. El cuento se inscribe como método de investigación e intervención, movilizando epistemologías feministas, decoloniales y sapatão para tensionar la cisheteronormatividad y reivindicar la existencia de cuerpos sapatão en la universidad y en la vida. El texto propone movimentossaberes como concepto para nombrar los desplazamientos afectivos, estéticos y políticos que atraviesan el ser sapatão, afirmando la producción de saberes como un proceso encarnado e insurgente. Al recordar encuentros y compartires, evoca el deseo como potencia de vida y resistencia.

PALABRAS-CLAVE: Movimentossaberes. Sapatão. Escritura poéticaerótica. Cuento.

ABSTRACT

The article-story performs a poetic-erotic-political writing based on the experiences of sapatão teachers in training, intertwining knowledge produced in academia and social movements with practices for social, political, and epistemic justice. The aim is to reflect on the movimentossaberes between academia and social movements of sapatão teachers in training and, through felt, lived, and vibrant experience, to create a poetic-erotic autofiction in the form of a short story. The story is framed as both a research and intervention method, mobilizing feminist, decolonial, and sapatão epistemologies to challenge cisheteronormativity and affirm the existence of sapatão bodies in academia and life. The text proposes movimentossaberes to name the affective, aesthetic, and political displacements that traverse sapatão existence, affirming knowledge production as an embodied and insurgent process. By remembering encounters and shared moments, it evokes desire as a force of life and resistance.

KEYWORDS: Movement-knowledges. Sapatão. Poetic-erotic writing. Short story.

Prólogo

*Quais são as palavras que você ainda não tem?
O que você precisa dizer?
Quais são as tiranias que você engole dia
após dia e tenta tomar para si,
até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio?*
Audre Lorde

O que pode um corpo sapatão quando se recusa a aceitar o silêncio como caminho? Em uma sociedade ainda marcada por epistemicídios, silenciamentos e apagamentos históricos, sobretudo dos corpos que se desviam das normas e imposições sociais, a presença de professoras sapatão nas universidades — com suas vozes, corpos, desejos e modos outros de pensar e existir —, por exemplo, segue sendo rara, quase

sempre lida como incômoda e desnecessária. Diante desse reconhecimento, esse texto nasce como travessia. É rastro de um movimento afetivo, político, erótico e pedagógico que se lançou pelas frestas da universidade e dos movimentos sociais, anunciando que há vida — palavra e poesia — nos corpos que ousam existir fora da norma.

Este movimento se refere a uma ação de pesquisa e extensão desenvolvida no âmbito de uma pesquisa de mestrado profissional em educação em andamento no interior do Estado da Bahia, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Esta ação é uma resposta ao cansaço das ausências. É também um gesto de justiça social, política e epistêmica que busca inventar espaçotempos de fala, escuta, partilha e escrita para corpos que historicamente foram interditados ao conhecimento e à docência. Nasce, portanto, do entrelaçamento entre pesquisa, militância, corpo e palavra. Assim, se justifica reconhecendo que pensar e sentir, quando vêm do corpo sapatão, são também formas legítimas de produção de saber. Dessa forma se constitui como uma prática de resistência criativa, na medida em que articula universidade, movimentos sociais e práticas narrativas poéticaseróticas para dar visibilidade a outras formas de produzir saberes.

Tal ação se organizou em dois devaneios poéticos que tensionam o lugar da universidade e dos movimentos sociais como espaçotempo do corpo, de produção e difusão do conhecimento, de prazer, de afeto e de rebeldia. O primeiro devaneio poético baseou-se na exibição e discussão do documentário *Ferro's Bar*³, onde conversamos sobre as múltiplas violências que os corpos sapatão enfrentam e suas estratégias de resistência; e o segundo devaneio poético (que é nosso foco aqui neste texto), permeou-se em uma conversa-poesia, com uma professora em formação participante do movimento de pesquisa-extensão.

Assim, questionamos: o que é possível inventar e poetizarerotizar a partir das experiências que nos atravessam enquanto professoras sapatão em formação, em movimento de extensão? Interessa-nos aqui refletir os movimentossaberes entre academia e movimentos sociais de professoras sapatão em formação e, a partir da experiência sentida, vivida, vibrada e, a partir desses movimentossaberes criar uma autoficção poéticaerótica em forma de conto.

³ *Ferro's Bar* é um documentário que retrata a história de um bar LGBTQIA+ icônico em São Paulo, especialmente de corpos lésbicos sapatão, espaço de resistência, afeto e memória para a comunidade. A obra destaca vivências, afetos e a importância cultural do bar como território de sociabilidade dissidente.

O conto tece os fios do corpo que ensina, aprende, deseja, sente. São palavras degustadas em noites estreladas, como quem desenha e poetiza os mapas sensíveis e pulsantes. Nele, os territórios de sersentir sapatão não apenas ganham visibilidade, mas também ecoam em coletivo e afeto o corpovoz. A narrativa amplia os atravessamentos e as marcas desse encontro: a timidez e o nervosismo pela aproximação, os silêncios repletos de significados, os afetos que emergem da conversa, a força das palavras, os desejos de pensar-criar um mundo possível.

Criando uma ponte entre o eu e o outro, entre o vivido e o teorizado, o pessoal reivindica seu lugar: o eu é político. O conto celebra a potência de existir como sapatão em espaçotempos que tantas vezes negam, expulsam, silenciam e aniquilam essa possibilidade, essa existência. É uma declaração de existência, marcada com cheiros, risos, palavras e toques, transbordando as fronteiras do que entendemos por fazer científico. São nuances de um encontro afetivo lesbosapatão!

“Banho de Lua” é, assim, uma porta para muitas inquietações: como os corpos sapatão habitam o mundo? Como resistem? Como se fazem e refazem em meio às contradições e opressões? Como criam seus movimentossaberes? Como são sendo sapatão? E, sobretudo, como transformam encontros em espaços de criação e fortalecimento? Cada palavra pulsa com a força desse momento inicial, marcado pelo encontro, um espaço onde não apenas compartilhamos histórias, memórias e experiências, mas também construímos juntas um espaço de possibilidades e desejos.

Nesse sentido, este texto é fruto do desejo de pesquisar-intervir nos modos de ser, saber e resistir de professoras sapatão em formação, a partir de experiências afetivo-políticas que atravessam seus corpos, escritas e subjetividades. Em um contexto de ofensiva reacionária contra os estudos de gênero e sexualidade nas escolas e universidades, bem como de intensificação das violências lesbofóbicas, o resultado-produto do movimento de pesquisa e extensão é uma teimosia epistêmica entre teoria e vida, corpo e método, erótica e política, tensionando os limites do que é considerado pesquisa e do que é reconhecido como produção de saber.

Entre-caminhos teórico-metodológicos

Movemo-nos a partir de um entre-lugar, um espaçotempo de fronteira, de margem, de passagem que não é nem fixo nem seguro, mas vibrante, múltiplo e em constante (re)invenção. É neste lugar-limbo — que Gloria Anzaldúa (2000) chama de

borderland — que experimentamos a travessia como método e como existência. Um território de bordados onde identidades, saberes e afetos se cruzam, se confundem, se recriam. É da tensão entre mundos, línguas, sexualidades, territórios e epistemologias que brota a possibilidade de uma linguagem outra, nascida da carne e da cicatriz, da dor e do desejo, do silêncio e do grito. O entre-lugar é também um corpo-território em constante negociação, um campo fértil para insurgências e reinvenções de si. É a partir desse chão-fronteira, onde não há pureza, mas mistura, que brotam os entre-caminhos que movem este texto.

Os entre-caminhos teórico-metodológicos aqui se fazem com o corpo, movimento e poéticaerótica: rodas com/em conversa e contos autoficcionais poéticoseróticos. São trilhas que se desviam da linearidade, atravessadas pela escuta sensível, pelo desejo de afeto e pelo compromisso ético-estético de pensar e sentir com outras. A roda com/em conversa, em sua forma circular, rompe a hierarquia da fala e da escuta, abrindo espaço para uma produção de conhecimento que pulsa no coletivo, que dança na ciranda das experiências e que se faz com o que escapa, com o que sussurra, com o que resiste.

Inspiradas na potência das rodas de conversa enquanto práticas pedagógicas e afetivas, seguimos com corpos dispostos ao encontro, à partilha e ao cuidado. Como afirmam Adriana Ferro Moura e Maria Glória Lima (2014, p. 99), as rodas oportunizam “a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo”. Rodar é também silenciar e escutar o que mora entre uma fala e outra, o que vibra no não dito, no gesto, no olhar, no tremor da voz.

Mas é na invenção dos contos autoficcionais poéticoseróticos que encontramos um dispositivo metodológico que opera entre saber e criação, entre memória e desejo, entre ficção e carne. Essa escrita não se compromete com a representação da verdade, mas com a invenção de verdades outras, parciais, encarnadas, insurgentes. A autoficção aqui se faz como contaminação entre o vivido e o fabulado, entre a experiência e a imaginação política. Como propõe Izabel Fontes (2010), esses contos são fluxos criativos em que a autora pode ser, ao mesmo tempo, narradora e personagem de si, agenciando modos outros de se contar e se pensar.

Nessa escrita que é também corpo, erotismo e insurgência, ressoam os ecos de Audre Lorde (2019), que afirma o erótico como uma fonte de poder, pulsão de vida. A

escrita poéticaerótica, nesse sentido, é uma prática epistemológica que desloca os limites da racionalidade ocidental, que legitima saberes localizados, sentidos, pensados, atravessados pelo prazer, pela revolta, pela teimosia. Escrevemos com a carne que pulsa, com os desejos que ardem, com as memórias que queimam e com os silêncios que se recusam a calar.

O conto *Banho de Lua*, nesse contexto, emerge como um artefato sensível e político, um campo de força onde reverberam as experiências afetivas, pedagógicas e existenciais de professoras sapatão em formação. Ele não apenas narra, mas convoca: convoca outras a se reconhecerem, a se (re)inventarem, a se agenciarem em uma ciência menor – aquela da qual falam Deleuze e Guattari (1977), feita de desvios, de linhas de fuga, de pequenas resistências que desafiam os grandes sistemas de saber.

O conto torna-se, assim, um dispositivo metodológico que permite que o pensamento aconteça de maneira não linear, rizomática, afetiva. Ele não prova, mas provoca. Dessa forma, a escrita do conto “Banho de Lua” — em forma de autoficção poético-erótica — se apresenta como metodologia encarnada, que não apenas registra as experiências vividas, mas as performa como travessia epistêmica, pedagógica e insubmissa.

Essa ciência menor é movida por intensidades. Ela não se apoia na pretensão da neutralidade ou da objetividade, mas se deixa atravessar pelos fluxos do desejo, pelos deslocamentos subjetivos e pelas potências do coletivo. É por isso que o *Banho de Lua* não é apenas resultado, mas processo: escrito com as mãos dadas em roda, escrito com olhos molhados de memória, com a pele arrepiada de desejo e com a boca aberta de riso ou de grito.

Assim, assumindo o corpo como território de saberes e a escuta como gesto político, bem como as inspirações nas epistemologias feministas, decoloniais e lesbosapafeministas, o texto se movimenta a partir do encontro da pesquisadora, uma jovem professora sapatão em processo formativo com uma participante da pesquisa em andamento, uma professora sapatão em formação, uma jovem baiana de 24 anos, nascida no interior da Bahia

Entre rodas e contos, entre silêncios e palavras, entre corpo e escrita, vão se abrindo as frestas por onde respiramos juntas, inventando uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista, movida pelas experiências e saberes que transbordam das margens. Dizemos assim:

Não há método sem corpo,

sem experiências.

Não há história sapatão que se conte sem desvio,
sem as margens, as fronteiras,
sem os entre-lugares.

Na roda,
pelas ruas de uma cidade do estado da Bahia,
a palavra vem da escuta,
do corpo que treme,
da memória que arde.

A roda é ciência do afeto,
é método que dança.

A ela,
se junta a invenção dos contos autoficcionais poéticoseróticos,
que nascem do corpo,
do gozo

do susto de se ver escrevendo a si mesma
como personagem, como autora, como pensadora,
se enlaçando com outras sapatão.

Aqui, a escrita não segue as normas da ciência tradicional.

Rasura. Recria. Performa.

Porque o corpo sapatão quando escreve,
escreve com tudo:

com suor, com sonho, com tesão, com trauma, com desejo de mundo.

É nesse movimento metodológico que o texto se constrói:

entre roda e conto, entre escuta e escrita, entre o que se vive e o que se inventa.

É com essa travessia em corpo e palavra que apresentamos o conto “Banho de lua” a seguir.

Banho de Lua

I Caderno, caneta e ônibus: caminhos até ela

FICO ESCUTANDO COM OS OLHOS OS MOVIMENTOS que esta cidade me provoca: balbucios poéticos em estado de inquietude. Confesso: gosto da sensação incerta de sentir a vida nesta cidade. É um alvoroço medonho. Meu corpo está aqui, esse

danado, sentindo tudo de uma vez só. Passei a viagem toda dormindo e, ao acordar sobressaltada, encontrava rochas, morros e árvores. Busquei as flores, mas elas não quiseram se amostrar para mim. Fiquei triste e preferi continuar dormindo.

Eu estava a caminho de Eunápolis-BA não somente como pesquisadora, mas também como ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais (LBL). Minha presença nesse espaço carregava comigo o compromisso político e afetivo de fortalecer as redes de resistência sapatão, articulando movimentossaberes entre universidade e movimentos sociais. Como integrante da LBL, compreendo que essa viagem é um movimento de reivindicação de narrativas, criação coletiva de movimentossaberes que atravessam nossos corpos. um movimento de ocupação. Estar em Eunápolis-BA significa potencializar as memórias e histórias de corpos sapatão, reinventando espaçostempos de existência e luta.

Quando acordei já estava em Eunápolis. Encantei-me com o verde vibrante. A cidade me acolheu sob um céu nublado (refiro-me ao tempo, não às pessoas). O céu parecia prestes a chorar; fiquei na dúvida se de felicidade ou tristeza. Pedi licença ao verde e ao céu nublado para pisar no território invisível da cidade.

Peguei minhas coisas – uma mala, uma mochila e um banner – e fui em direção ao desembarque. Pedi um Uber e avisei as meninas que me esperavam que eu tinha acabado de chegar. Fui acolhida com afeto sapatão por uma professora sapatão. Me acomodei no quarto. Peguei o lençol e cobri a cama. Peguei uma manta, tirei a sandália e as meias, e fui dormir. Meu corpo ainda pedia sono, descanso. E assim fiz. Acordei às 11h30. Tomei banho e me arrumei. A professora sapatão me deixou em um restaurante. Almocei e depois caminhei em direção à academia onde ela estava treinando. Daqui mais a pouco vou encontrar a moça sapatão do sorriso largo. Sinto cheiro de flores, talvez seja meu entusiasmo por estar em ocupação movimento sapatão. Acabo sentindo cheiros por toda parte. Meu nariz se tornou um paraíso desconhecido.

II O cheiro que ela tem, poesias

ELA ME DEU FLORES. Pensei que, sendo sapatão, muitas coisas deixariam de acontecer e tantas outras nunca iriam se realizar. No imaginário social – construído como um projeto de eliminação de existências ditas como estranhas – a sapatão é aquela que anda colada com ao machismo, seguindo o lado do macho-alfa predador: tem que agir com brutalidade, grosseria, nada de sensibilidade, tem que sempre pagar a conta,

dar flores, ser ativa... Continuo me constituído sapatão, sendo sapatão, e nesse processo de ser sendo eu não ganhava flores, poesias, abraços, gentilezas. Quando eu estava me acostumando e acreditando que esse era o único lugar possível para uma sapatão – o imaginário social inabalável –, recentemente, algumas dessas coisas começaram a mudar. Agora sou uma sapatão que além de ganhar flores, recebo poesias. Ela, a professora sapatão em formação que me esperava estava lá com duas rosas brancas e um sorriso gigante que transbordava o corpo todo. A sorveteria se tornou um espaçotempo de poesias tecidas por sorrisos.

Ela – entro em ação de novo. Sim, sou eu, a narradora – sempre fica preocupada quando vai encontrar outra sapatão. Extremamente exagerada, se arruma. Gosta de ficar bonita para outra(s) sapatão. Se o encontro é à tarde, desde a semana anterior fica com o coração aflito pensando no que vai vestir, quais acessórios irá usar, qual perfume vai passar..., assim, no exagero de ser uma sapatão poeta.

Naquele dia estava triste porque, infelizmente, não deu tempo de cortar o cabelo. Ela é dessas, uma sapatão poeta que demonstra importância dos encontros a partir do corte de cabelo. É no corte de cabelo que ela se sente bonita, que se percebe e se projeta. E pensa: apenas assim, de cabelos cortados, é que outra(s) sapatão a perceberão. Um jeito bonito de dizer:

– Me arrumei para você! Gostou?

Naquele dia, à medida que os minutos e as horas passavam, tudo parecia agitar o corpo da sapatão poeta. No chão, mala aberta, roupas espalhadas, os acessórios pareciam flutuar, jogados ao acaso. Sentou-se na cama. Ficou olhando fixamente a parede e em questão de segundos, colocou a mão na cabeça. Aflição, insegurança e baixa autoestima tomavam conta do seu coração. A cada segundo que passava, imagens turvas, negativas e aterrorizantes reinauguravam sua mente como um sinal de alerta. Tempestades internas ecoavam em sua consciência, repetindo um só comando: desista.

Tais imagens não eram nada além das visões terríveis que tinha sobre si mesma. Por mais que ela tentasse ouvir a voz de Adrienne Rich (2019, p. 27), que, ao seu lado, dizia que a heterossexualidade compulsória é uma “instituição política que retira o poder das mulheres”, sustentando o homem-macho-mundo por meio da hierarquia e do sexismo de gênero e da sexualidade. Esta instituição perfura os corpos sapatão, impondo sobre eles imagens distorcidas de si mesmas. No espelho, reflete-se, em primeira instância, a rejeição, a culpa, a sensação de não merecimento por afeto, a

incapacidade de se reconhecer como produtora de conhecimento... A dificuldade de sentir-se sapatão como pulsão de vida.

– Eu não vou saber o que falar. E se ela se assustar com minha bobice? E se ela quiser ir embora porque não aguentou o meu jeito de falar demais? E se ela não versentir potência na pesquisa que estou tentando desenvolver? E se ela me achar uma sapatão péssima? E se ela não gostar da forma como verbalizo meus sentimentos, meus conhecimentos, a forma como concebo ciência-pesquisa-escrita a partir da poética? E se ela se assustar com a “poéticaerótica”?

Ficou repetindo isso muitas vezes. Cada vez mais, as imagens turvas e cruéis sobre si mesma se amplificavam. Seu corpo tornou-se espaçotempo de choros acumulados, moldado por percepções distorcidas de si. Adrienne Rich, que até então estava ao seu lado, resolveu se retirar. Caminhou até a sala, deixando-a sozinha naquele breve intervalo de tempo. Entendeu que a sapatão poeta precisava ficar sozinha, respirar pelos seus próprios pulmões, tocar-se, ninar-se, nem que fosse pelas chuvas que caíam dos seus olhos.

Minutos depois, como se quisesse parar sua mente, tirou sua roupa numa rapidez medonha, pegou a toalha, o sabonete e o xampu. Foi ao banheiro tomar banho. Precisava que as águas cuidassem do seu corpo, que, pelas águas, reflorescesse a coragem de ser em si algo ainda incerto, carregado de dúvidas, de medos, de inseguranças, mas banhado pela ousadia e rebeldia de continuar sendo, fazendo, caminhando..., poetizando no/com/em sentir sapatão. Colocou a toalha no box do banheiro, ligou o chuveiro e, sem antes molhar as mãos, se jogou-se na água. De olhos fechados foi sentindo o líquido frio que banhava seu corpo, permitindo-se ser tocada pelo dengo que escorria de cima e parava ali em seus pés, fluindo pelo ralo. Já não sabia mais o que era água e lágrima. Elas se fundiram, deixando-se aí em turbilhões. Desligou o chuveiro, iniciou-se o cuidado: pegou o xampu, colocou nas mãos, de leve foi passando no couro cabeludo, massageando com as pontas dos dedos e em digitais, linhas de afago foram criadas, caminhos desordenados. Esperou três minutos! Ligou o chuveiro e enxaguou os cabelos. As espumas do xampu faziam curvas no seu corpo com ajuda da água que tanto ela ansiava. Cabelos lavados, corpo em estado de amor. Desligou o chuveiro, pegou o sabonete e devagarzinho foi ensaboando seu corpo.

Começou pelos seios, passando pelo pescoço, seguindo as linhas das costas, indo em direção às pernas peludas, voltando para as axilas cabeludas, fez a volta para a bunda seguida da buceta, sem dizer até logo, retorna para o rosto e em canções de amor

vai aos pés. Ligou o chuveiro e enxaguou-se! Ficou uns cinco minutos. Fechou o chuveiro e pegou a toalha. Passou-a pelo rosto e, depois, suavemente, foi secando o corpo com os mesmos movimentos que fez com o sabonete, só que agora dançando primeiro, após o rosto, no íntimo do seu ser.

Colocou a toalha na cintura, retornou ao quarto. Chamou Adrienne Rich e pediu desculpas. Afinal, na grande maioria das vezes, ela acaba dando espaço às vozes das imagens distorcidas de si. Com afeto sapatão, Rich (2019, p. 115) a abraçou e disse:

– “A cultura heterossexual patriarcal levou lésbicas ao sigilo e à culpa, muitas vezes levou ao ódio por si mesmas e ao suicídio”. Cubra-se de raiva, coragem e orgulho; organize-se no coletivo com outras sapatão, em *continuum* lésbico.

Ela ouviu Rich com a mesma atenção, cuidado, responsabilidade e afeto de antes e, em lágrimas, comprometeu-se a continuar se inquietando, burlando as normas, criando fronteiras, brechas, perfurações e fendas no sistema. Comprometeu-se a ecoar, fortalecer, aliançar-se, criar redes afetivas e organizar corposvozes sapatão. Despediram-se com um abraço que só sapatão sabe dar/oferecer. Sozinha no quarto, reiniciou seu processo de arrumação. Pegou o desodorante e passou nas axilas. Na bagunça das roupas e acessórios jogados perto da cama, pegou uma cueca preta e a vestiu. Na mesma sintonia, agarrou o top preto e o vestiu. Sua mão criou movimentos de sucção e vestiu o calção preto.

Com sutileza, sugou a camisa branca e a vestiu, dobrando as mangas duas vezes. Resolveu ficar com o colar fininho que já estava no seu pescoço e acrescentou mais outro com dois pingentes: sapinha verde e um espelho. Pegou seu anel de tucum, calçou sua sandália preta, passou o primeiro perfume que tinha trazido, passou hidratante no rosto, penteou os cabelos, pegou a carteira, o celular e o presente (um kit do Grupo de Pesquisa do qual faz, contendo um caderno, uma caneta e um marcador de página) e pediu o Uber. Saiu do quarto e foi para a área, aguardando a chegada do Uber.

Passou o percurso todo inquieta, ansiosa, nervosa. O motorista do Uber falava com ela, mas sua mente estava tão agitada que não conseguiu prestar atenção. Ficou respirando fundo muitas vezes. Tentou buscar na paisagem da cidade, que passava pelos seus olhos, algum elemento que diminuísse o ritmo acelerado de sua mente, porém não encontrou. Antes de chegar no destino, o motorista falou um pouco mais alto numa tentativa de chamar sua atenção, afinal ela precisava pagá-lo. Pegou o celular, abriu o aplicativo do banco, digitou a senha, foi em pix e pagou o motorista. Ao piscar os olhos, percebeu que havia chegado ao destino. Desceu do carro tentando controlar as pernas

que insistiam em ficar balançando. Seus olhos a procurava e, sorrindo com o coração na mão, ela a viu!

Ela estava com toda sua atenção para o celular, não me viu chegar. Fui me aproximando aos poucos. Assim que abri a boca para falar com ela, levou um susto e soltou um grito muito alto. Todas as pessoas na sorveteria olharam para nós. O grito foi bem engraçado porque, além do susto, vieram sorrisos quase incontroláveis. Sorri tanto! Ela se aproximou, e eu abri meus braços como passarinho saindo da gaiola antes de abraçá-la. Abracei com dengo e com as pernas ainda em estado de tremedeira. O coração nem se fala. O danado estava pulando corda numa velocidade surpreendente. Enquanto a abraçava, um trecho da poesia de Rubra Poesia (2021, p. 11) tomou conta do momento, e nele recitei:

Lésbica: a palavra bem quista
De nós por nós
Bem lembrada
Bem falada
Bem amada
Bem lésbicas, bem caminhoneiras, bem sapatão
Desconstruindo padrões da mulheridade
Desafiando as lógicas hetero-patriarcais-cristãs
Recriando formas de viver e amar plenamente
Bem vinda lésbica!
Bem quista lésbica!
Permanecemos vivas
Sendo amadas
Sendo temidas
Sem medo de dizer:
Eu sou lésbica!

Eu sou sapatão! A cada encontro com outra, tenho ainda mais orgulho dessa palavra-vida. Sim, sapatão é uma palavra-vida. Tem cheiro de poesia. Repeti essa frase inúmeras vezes durante aquele encontro lesbosapatão. O abraço teve dupla função: expressar minha felicidade por estar ali e, ao mesmo tempo, tentar diminuir o constrangimento causado pelo susto. Entreguei o presente para ela, e ela me deu um buquê com duas rosas brancas e um chocolate branco. Na verdade, nem sei qual foi a sequência: se entreguei o presente primeiro ou se foi ela. Não esperava de forma alguma

receber flores, mas recebi. Recebi com um sorriso largo no rosto, o coração acelerado, as pernas tremendo, a barriga dançando forró e a mente mergulhada em um jardim repleto de flores diversas. Para não cair de tanta emoção, sentei-me na cadeira.

Durante uns cinco minutos, parecia que tudo tinha congelado. Em meio aos pulinhos, sorrisos bobos e lágrimas de emoção controladas (não podia dar a ousadia de chorar ali), estava dando forró ao som da música “Naise” <https://www.youtube.com/watch?v=zYnGTt701t8>), na voz de Nina Oliveira (2018, on-line). Dançando de olhos fechados, bem agarradinha com o buquê, dizia sussurrando para as rosas: “Eu tava ali/Sendo uma menina que não quer saber de nada/Cê tava ali, com seus dentes bonitos/Me deixando enfeitiçada”. Um jardim cheio de flores, com diferentes cheiros. Abri os olhos e ela estava ali com um sorriso largo no rosto que contaminava todo o espaço tempo.

Lésbica negra, de olhos miudinhos quando gargalha, espalhando emoção por todo o corpo, mas que se arregalam com as danças da vida. Mais baixinha que eu uns dois centímetros. Usava um macacão jeans azul, camisa verde, tênis All Star preto, colar grande de pérolas vermelhas e marrons, óculos redondinhos com uns detalhes que pareciam “Noite Estrelada” de Van Gogh, cabelo cacheado curtinho com algumas mechas em tons de marrom e amarelo queimado, brilho labial e um perfume de Flor de Boa Noite. Ela estava assim: plena, poética, exalando. E eu, com o corpo em estado de sentir sapatão. Será que ela se arrumou para mim? Deixe de bobagem, garota, ninguém se arruma para você.

...

Ela fechou os olhos e continuou sentindo o cheiro de poesia no ar. O cheiro de poesia é um saber que dança nas entrelinhas, que desestabiliza o corpo e o transforma em palavra e a palavra em presença. Um movimentossaber que surge da linguagem de insurgência, em um gesto-manifesto sensível e inventivo.

II O cheiro que ela tem, dores

A DOR POR TRÁS DA PALAVRA SAPATÃO. Como versentir beleza em uma palavra quando se ouve daquela que, inicialmente, a amava e que pariu uma princesa, e não uma sapatão, uma aberração? Como potencializar uma palavra que foi usada no intuito de tirar a pulsão da vida e de viver? Como se versentir sapatão quando essa mesma palavra é utilizada como sinônimo de doença? Como se versentir sapatão

quando essa mesma palavra te faz lembrar vivamente, como se estivesse vivendo tudo de novo, dia após dia, as dores da culpa de pensar que destruiu/estragou a família e a própria existência? Como produzir outros lugares para a palavra sapatão se ainda se tem que viver sob o mesmo teto de quem a violenta? Como produzir outros lugares para a palavra sapatão quando o espelho mostra os reflexos de todo sofrimento que passou e passa por ser quem se é? Ela carrega muitos traumas em seu corpo, muitos deles ainda muito vivos.

A ouvi como quem tem o poder de parar o tempo e ficar ali, atenta, dando-lhe tempo de vida. A ouvi desejando ser capaz de tirar um pouco do seu sofrimento. A ouvi com os olhos de prudência, com a boca e língua em brasas epistêmicas, com as pernas inquietas, com o coração de criança, moleca demais, com os braços, mãos e dedos de vontade esperançosas... A ouvi com o corpo todo, totalmente embriagada com as próprias memórias e experiências. Não me esvaziei de mim para ouvi-la. Pelo contrário, enchi-me de mim para trazer as poesias de vida que, tantas vezes, ficam escondidas pelas percepções distorcidas de si mesma. Deixei-a entrar no meu corpo, fazer morada naquele instante, sentir, nem que fosse por alguns segundos, que as dores podem ser divididas. Foi ouvindo-a que a abracei.

Estávamos quase uma em frente à outra naquela mesa, tomando sorvete, quando a questioneei:

– Então, por que lésbica? Como foi esse processo de apropriar-se da palavra lésbica?

Ela ficou me olhando por alguns minutos buscando uma resposta perfeita para os meus questionamentos, como se quisesse mostrar que é inteligente o suficiente para me desmontar, como se precisasse me comprovar cada palavra que iria sair de sua boca. Uma tentativa de me agradar, como se eu me importasse com as narrativas sem nenhum pinga de raiva, como se eu desse relevância às histórias de vias, mãos, corpos únicos. A dança que mais nos atravessa é aquela que sai da boca-corpo sem projeções de verdades, mas que se mantém aberta para novas produções de lugares. Mas ela olhou para os meus olhos, para a imensidão deles, e começou a gaguejar. Suas palavras saíam desordenadas. Continuei esperando suas pronúncias, suas profanações. Entre gaguejos e mentes aceleradas, palavras foram brotando de sua boca rumo aos meus olhos-corpo:

– Pelo menos em minhas vivências com outras mulheres... Ela pausou, engoliu a saliva e seguiu. Eu até conversei depois com as meninas [...] e aí uma delas falou que preferia utilizar sapatão em vez de lésbica, porque, para ela, o termo sapatão é

marginalizado e lésbica, era muito feminino. Só que eu tenho uma perspectiva um pouco diferente. Pelo menos aqui, eu vejo que é mais fácil as mulheres se intitularem enquanto sapatão do que enquanto lésbica, porque mesmo sendo um termo que pode ser usado de forma pejorativa, também tem uma *vibe* de brincadeira. É muito mais fácil ser taxada de sapatão do que de lésbica. Eu não conseguia dizer a palavra lésbica.

Por que é mais fácil ser chamada de sapatão do que de lésbica? A palavra sapatão é usada em contextos de brincadeiras? Brincadeiras ou violências? Por que ela não conseguia pronunciar a palavra lésbica? E a palavra sapatão, com que gosto saía de sua boca? O que será que ela esconde? Fiquei me questionando à medida que ela pronunciava suas palavras histórias. Na mesma intensidade que suas pernas tremiam, parecia que ela estava ficando com falta de ar, com dificuldade de respirar.

Olhava-me, escondia-se. Como se estivesse com medo de escorregar nas próprias palavras, nas próprias memórias e experiências, seu corpo estava inquieto. Não deixei de olhar para ela fixamente, queria que suas palavras, que ali brotavam muitas vezes cortando, outras vezes em fluidez, atravessassem seus ouvidos, porque sentia que nem ela mesma estava acreditando no que estava dizendo. Estava sendo cuidadosa e responsável com cada frase que tentava formular e, assim, fluía de sua boca toda desorganizada.

Diferentemente dela, eu nunca fui chamada de lésbica. Muitas são as palavras que usam para nos definir, e nós, como ato político, as tomamos para nos nomear. Já fui chamada de estranha, esquisita, Maria-macho, Maria-João e Sapatão. A palavra lésbica sempre foi um jeito bonito e educado das pessoas se referirem as lésbicas que não rejeitaram, recusaram e saíram dos padrões e estereótipos femininos. No imaginário social, elas ainda tinham salvação: estavam apenas se divertindo, eram descoladas. As sapatão eram exatamente ao contrário, estavam perdidas, não tinham cura. O termo sapatão nunca foi destinado ao meu corpo como brincadeira, mas sempre como violência, marcando o meu não lugar no mundo.

Todas as lésbicas são chamadas de sapatão? Quem é chamada de sapatão? Talvez seja mais fácil ser chamada de sapatão do que de lésbica porque a palavra “sapatão” parece estar mais ligada aos corpos em si, enquanto “lésbica” carrega uma série de normas que delimitam o que pode ser considerado belo, encantador, sedutor, afetuoso. Talvez ela tenha encontrado dificuldade em pronunciar a palavra “lésbica” porque nunca se reconheceu plenamente nesse termo, mas sempre se viu como sapatão. Quem pode ser lésbica? Quem pode ser sapatão? Sapatão, sentindo as palavras dela

ressoarem em mim, é a demarcação da violência, o ódio que preenchem as ruas, as igrejas, as casas, as escolas, as universidades..., o imaginário social. É difícil sentir sapatão como potência, pulsão de vida, porque é um corpo visível demais que precisa ser aniquilado, é uma aberração.

Sinto sua sensibilidade, o jeito como balança as mãos, a voz, a poesia que flui e percorre todo o seu corpo... Tudo nela acabava contribuindo para que fosse vista como “menos sapatão”. Talvez aí resida mais uma de suas próprias contradições: enquanto incorporava certos aspectos do imaginário social sobre ser sapatão, como a rejeição aos padrões e estereótipos femininos, apresentava também formas de agir que iam na direção oposta. Pensei em ligar para Monique Wittig (2022, p. 62) para abriremos um parêntese na conversa e com sua voz de encanto, com seu corpo que burla e perfura o gênero, nos dizer bem assim:

– Queridas, “[...] o pensamento hétero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e de todos os fenômenos subjetivos ao mesmo tempo”. Então, assim, a própria categoria de “mulher” existe apenas para sustentar e fixar significados que reforçam o regime heterossexual. Ainda assim, decidi não recorrer a Wittig. Permiti-me ser tomada pelas experiências da lésbica, que carrega um perfume único, misturado ao amargor da dor, como quem saboreia uma cajuína bem gelada enquanto assiste ao pôr do sol. Saindo dos meus devaneios – ou talvez mergulhando ainda mais fundo neles –, continuei a ouvindo:

– Com o tempo, fui cortando os cabelos, comprando minhas roupas, não como eu gostaria, porque gosto de ter um teto para morar e, também, para ficar na passividade e evitar que minha mãe falasse tanta coisa. Fui deixando de me depilar. Isso deixou minha mãe revoltada. Além disso, eu me depilava apenas para agradar outras pessoas. Eu ficava ouvindo: “Nossa, você é até bonita, mas tem que se depilar mais”. Eu só fazia, só me depilava, por causa das outras pessoas, para me enturmar, mas parecia que nunca era o bastante, porque depilei as pernas e ficaram: “Por que não depila os braços também?”. Aí, um dia, minha mãe me questionou: “Você é?” Eu simplesmente disse: “Eu gosto de meninas”. Fiquei chorando e chorando e dizendo que não queria que ela me odiasse. Ela me abraçou e ficou dizendo: “Você não é, você não é, você não é”. Minha mãe é evangélica. No outro dia, ela estava com a bíblia. Me obrigava a sentar com ela para ler a Bíblia e orar. Ela estava tentando me curar. Eu comecei a fugir. Ela parou de falar comigo. Ficava dizendo que pariu uma princesa e não uma sapatão, uma aberração. Meu pai foi tentar conversar comigo e falou: “Sua mãe está triste por sua causa. Você é

bonita, não precisa fazer esse tipo de coisa”. Não me importo com a opinião dele. Minha mãe ficou dizendo que preferia me ver morta a me ver com uma mulher.

Quis abraçá-la, mas hesitei com medo de ser invasiva. Então, comecei a traçar algumas linhas – como fiapos de manga, sabe? Aqueles que grudam nos dentes, dão trabalho para tirar, mas fazem valer a delícia de chupar a fruta. Assim eram meus (des)entendimentos ainda trôpegos sobre os motivos que a levavam a preferir a palavra lésbica: uma jovem que, ao construir suas percepções a partir das violências vividas, encontrou nessa palavra algo que soava menos violento, com mais toques de beleza e encanto. Restavam poucas opções: ser quem se é ou ter um teto. E ela escolheu criar-se. Criou-se, então, um meio-termo: preservar um pouco do que se é para continuar tendo um teto.

Das ressonâncias do “prefiro você morta”, emergem, como turbulências em noites geladas, a sensação de ser um corpo indigno de amor — seja o amor de quem diz nos amar, seja o nosso próprio. Na amplificação do “pari uma princesa, não uma sapatão, uma aberração”, surgem navalhas que atravessam o corpo todos os dias, ora para punir, ora para arrancar o sentido da vida e a vontade de continuar existindo. Nas violências sutis do “você até que é bonita, mas precisa se depilar”, os golpes são desferidos como uma britadeira, abrindo espaço à força. O que resta é um buraco enorme, cercado de cacos pontiagudos. Já no típico “você é bonita, não precisa fazer essas coisas”, ecoam as dores históricas que nossos corpos carregam, dores que vêm de longe, ampliadas geração após geração. O regime heterossexual não apenas nos rouba tudo — inclusive a vida —, mas também nos faz cair em suas próprias armadilhas, mantendo-nos presas, mesmo sendo corpos dissidentes. Como romper com esse regime sem criar outro baseado em verdades absolutas? Como se sentir bonita se, no imaginário social, a sapatão só é assim porque foi rejeitada pelos desamores dos homens-macho-mundo?

Elas se olham, entreolham, buscando uma rota de fuga, algum caminho para exercitar a coragem. A coragem de permanecer, de continuar falando sobre as experiências que atravessam seus corpos por inteiro. Mesmo se sentindo estranhas, havia um sentimento que as envolvia, distorcendo as barreiras das dores que tomavam conta do espaçotempo: o afeto sapatão. Esse afeto, construído com a poética que as une, dizia — em palavras e no silêncio —: *você não está sozinha*. Era uma conversa sapatão, capaz de criar espaços de germinação, onde subjetividades eram potencializadas. Amarrando e costurando, desamarrando e descosturando nós e impossibilidades, elas encontravam força. Afinal, a quem interessa a destruição das sapatão?

Sem que elas percebessem, no outro lado da rua, em uma roda com garotas, mulheres, Saidiya Hartman (2022, p. 35) lia um dos seus textos incluídos no livro “Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais” e em coro dizia: “Um nome é um luxo que ela não pode se permitir”. Se elas ouvissem o coro no *corpovoz* de Saidiya, talvez se questionassem: quem tem direito ao nome? Quem tem o direito de dizer “sou lésbica”, “sou sapatão”? Como essas palavras atravessam outros marcadores, como raça e etnia? E, com ainda mais força, perguntar: pode uma lésbica negra se anunciar como tal? Que potência, que força vital essa anunciação de si pode carregar? Durante todo o exercício de compartilhamento de experiências, em nenhum momento se estabeleceu um diálogo entre sexualidade e questões étnico-raciais. Não se abordou, por exemplo, uma lésbica que vivencia sua identidade interseccionalmente, ou uma sapatão que se entrelaça com o fato de ser branca. Que significados podem emergir da ausência desse *não dito*? Que lacunas e silêncios se formam quando essas dimensões não se encontram?

Questionamentos, um mundo de cenas. Ela respondeu às minhas perguntas como quem tenta arrancar do corpo memórias e fragmentos de experiências vividas. Era como se, ao contar para mim, outra sapatão, pudesse aliviar a dor de ser quem é. Quantas dores carregamos simplesmente por existir como somos? Na mistura das cenas, no entrelaçamento das vivências, me pergunto: quem tem medo da palavra sapatão? Quem tem medo das sapatonas? O confronto com as palavras “lésbica” e “sapatão” ainda reverbera nela com dor intensa, sem deslizar na fluidez dos rios, mas tropeçando no muro imposto pela submissão ao regime heterossexual. Ainda assim, continuei enxergando-a como poesia em noites estreladas, cheia de dengo e encantamento.

...

A dor que ela carrega tem cheiro de travessia; é movimento saber de sobrevivência, saber encarnado na carne viva de quem ousa continuar sendo, mesmo ensanguentada e craquelada. Transforma a dor em potência, em ação.

Pausa ...

O sorriso dela é tão lindo, parece criança quando banha pela primeira vez na chuva: tudo tão intenso. Saí do carro, entrei no estabelecimento e a procurei. Ela estava sentada, toda concentrada. Cheguei perto e ela teve um susto muito engraçado. Ela gritou, e todas as pessoas naquele espaço tempo ficaram olhando. Eu fiquei sorrindo.

Nos abraçamos. E assim como ela, o abraço dela também é bem tímido. Ela me deu rosas brancas. Meu coração, como quem dança forró bem agarradinho, estava em ritmo acelerado. Batia e batia, ao passo que vários risos descontrolados saíam do meu corpo e contagiavam tudo. Sou uma sapatão que ultimamente anda recebendo flores. Do afeto fofo e tímido das flores, entreguei um presente à menina do sorriso lindo: caderninho, caneta, marcador de página e dois lenços. Ela sorriu e agradeceu o presente. Sentamo-nos e, como uma criança, deixei-me contagiar pelo aroma, pela delicadeza e pela magia das rosas brancas, além da doçura do chocolate Ouro Branco. Ela ria, achando engraçadas e fofas as minhas reações um tanto exageradas. Mas o que posso fazer? Quando uma sapatão poeta recebe flores, o mundo inteiro se transforma em uma explosão de exageros deliciosamente intensos.

III O cheiro que ela tem, timidez

Fomos almoçar

juntas

uma de frente

para a outra, na mesa

Enquanto meu prato

não tinha algo verde,

o dela trazia

uma montanha de alface.

Entre garfada

Sorrisos apareciam pelo corpo.

Parecia que ela

estava nervosa

por estar ali,

talvez envergonhada

por ter alguém

a observando comer.

Ela é tímida.

Sinto que luta

contra essa timidez

há muito tempo.

devorei tudo rapidamente

Devagarzinho,

Ela devorava cada pedaço

como se degustasse a vida

De novo...

Fomos almoçar

Juntas.

Esperei lá fora

do restaurante

Três minutos depois

ela chegou

Veio de moto,

como quem já conhecesse de cor

os caminhos do sentir

E se mudar o roteiro,

será que ela se perde?

E se perder, terá medo de

pisar em outros caminhos?

Será que já errou o percurso alguma vez?

Cairia no seu próprio caminho linear que

O que ela esconde?
 O que ela perdeu
 por causa da timidez?
 Quem a machucou
 por isso?
 Ela tem cheiro de timidez.
 Na mesa ao lado
 Sarah Sanches (2021, on-line)
 recitava poesia:
 “a poesia me faz
 sentir viva
 a poesia pulsa
 vida
 palavras benditas
 a derramar
 dos dedos à língua
 como coisa
 que não é pouca”.
 Então, como quem
 procura estrelas
 em noites sem brilho,
 tentei encontrar uma
 em pleno meio-dia
 para amenizar
 o desconforto dela.
 Fiquei fazendo bobices
 sobre tudo que via
 pela frente.
 Sorrisos começaram
 aparecer
 Ela é muito linda
 e sorrindo
 fica mais linda ainda.

criou?
 Que fugas ela inventa?
 Camisa preta
 short quase branco, quase marrom claro
 tênis all star preto, colar de Lábris,
 um brinco diferente em cada orelha
 anel de tucum,
 óculos redondinhos,
 cabelos cacheados
 curtinhos
 impecável.
 Abraçamo-nos
 como quem está pegando caju no pé:
 com adrenalina.
 A fome apertava,
 músicas inaudíveis
 para ouvidos famintos.
 Andamos de um lado para o outro
 Escolhendo o que iríamos comer.
 Montamos nossos pratos!
 Sentamo-nos.
 Pedi suco de cajá
 Ela também quis.
 De novo
 Fomos almoçar
 Juntas.
 Ela achou graça
 da forma como eu
 trocava os talheres
 entre as mãos.
 Falei:
 “Sou canhota e me recusei a aprender
 a usar a mão direita

Na delicadeza
de conduzir o garfo até a boca
na mesma brasa em que contava
os alimentos
ela se deixava envolver naquela
experiência.
Faminta,

quanto tentaram me obrigar”
Os minutos passaram,
Terminamos de comer,
mas permanecemos ali.
Por mais de uma hora,
Lesbosapafocando.

...

No cheiro de timidez, descobri um saber delicado, quase invisível, mas profundamente potente. A timidez dela é um gesto político que me fez lembrar que nem todo enfrentamento é barulho; às vezes, é pausa, é tremor, é silêncio que acolhe. Um movimentossaber que se constrói na observação atenta, no toque leve, na gentileza de ser com o outro. Perfumando seus gestos se movimenta enquanto um saber do silêncio atento, da escuta como política, do afeto que dança devagar nos espaçostempos do cuidado.

V O cheiro que ela tem, cerveja

“Que lindinha”
Saiu escapando da sua boca
com as gargalhadas
altas e fofas
toda vez que ela
me vê olhando
o espaçotempo
as árvores
as flores
os detalhes dos lugares
da cidade
os sentimentos que extrapolam
meus olhos-corpo.
“Que lindinha”
Ela repete,

“Como pode ficar alterada com duas
garrafas e meia de cerveja?”
Pergunta sorrindo
Tentei me justificar em três pontos:
1. Quando estou com lésbica, sapatão,
sapatona, sapa
fico levemente
descompensada.
Qualquer gota de álcool
acaba aumentando a adrenalina
do meu coração.
2. Ainda não me habituei com o
Álcool.
Às vezes,
E fico tranquila,

toda vez
 que inquieto o imaginário social
 sobre o que é ser sapatão
 Talvez o
 “Que lindinha”
 seja a forma dela dizer que gosta das
 Sapatão
 que trazem o corpo todo
 para as pequenas-grandes coisas da
 vida,
 ou apenas
 pelo fato de eu tê-la percebido
 antes de qualquer dimensão
 como outra sapatão,
 e minha reação ter sido
 simplesmente ficar
 feliz
 demasiadamente empolgada
 sem reafirmar seus próprios
 traumas
 Refazendo...
 Ela me levou
 para um bar
 cheio de plantas
 e mesmo sabendo pouco sobre mim
 já compreendeu que meu
 coração
 mora num universo com cheiro de
 natureza.
 Entre fotos e vídeos
 fotografando
 filmando
 a vida pelo corpo,

Mas em tantas outras,
 fico assim
 animadinha.
 3. Nunca dê álcool
 a uma sapatão poeta
 que senti tudo
 muito
 intensamente
 exageradamente
 O mundo em seu corpo.
 Ela continuou sorrindo,
 achando muita graça
 no balancear do meu corpo.
 Eu a desculpo
 porque no final das contas
 gosto dela sorrindo.
 Sapatão quando sorri,
 abri as portas do
 para o impossível,
 para o poder vital.
 Refazendo...
 Da espera
 até o beijo no ônibus
 na menina que passou
 três meses para dizer que
 não queria namorar com ela,
 ela iniciou a contação de
 histórias amorosas
 a cada gole de cerveja.
 Da heterossexualidade compulsória
 (que ainda tem as marcas no seu corpo)
 Da necessidade de se submeter a relações
 com homens para se sentir

Tomamos cerveja	incluída,
Duas garrafas	aceita,
Mais a metade de uma terceira (600 ml	normal,
cada)	adequada,
Fiquei levemente	as palavras que brotam
Alterada,	de sua boca carregam
Tonta.	dores vivas.
Ela acha graça	Refazendo...
do meu corpo:	Ela tem cheiro de cerveja!

...

No aroma leve da cerveja, senti escorrendo um saber de partilha, de memórias desamarradas pelo riso, de afetos que se constroem entre goles e confissões. Foi sentindo o cheiro da cerveja, no riso solto e nas histórias entrelaçadas pelos goles, que percebi um saber que se inventa, que permite tropeçar, rir, recontar, esquecer e lembrar. Na vulnerabilidade de quem se embriaga só um pouquinho, não do álcool, mas do afeto compartilhado, da memória dividida, da coragem de dizer: eu já fui ferida, mas estou aqui, querendo viver com intensidade.

VI Retorno, coração balbuciado poesias em saudades

COM OS REBULIÇOS DOS MOVIMENTOS DE OCUPAÇÃO SAPATÃO, retorno a Bahia. Forjando espaços de resistência, lanço-me de corpo sapatão a corpo sapatão, ao meu lugar no mundo: em coletivo, em bando, em bonde, em multidão, em coro, em dengo, em afeto, em escrita, em conhecimento e em amor sapatão. Corpos que se rebelam, que dançam pela sua estranheza e esquisitice. As coisas que profanamos: as sapatão vivas em vida, donas de si, livres, libertas, amadas. Entro no ônibus desejando que caminhos se abram, que portas sejam escancaradas e que vidas sapatão parem de ser ceifadas.

Meu corpo: estado de poesia. Estado de poesia é dar vida aos sentidos, ocupar a si, desejar ser dona de si. Estado de poesia é escancarar as portas da garganta e viver as palavras nunca ditas. Jogar as palavras que ainda têm que viver. Se lambuzar com as palavras que brotaram na mesma intensidade do nascer do sol: abrindo-se para o mundo. Acontecimentos de uma escrita de várias mãos: mãos lésbicas, mãos sapatão. Mãos que conduzem outros ritmos, movimentos, passos de presença visível, deixando o cheiro

gostoso no ar: cheiro de sapatão. Essas mãos dançam o blues do encontro e do reencontro do amor, do desejo, do conhecimento, da escrita..., movimentos entre lésbicas, entre sapatão. O desejo de escrever poesias dedicadas às lésbicas, às sapatão. O medo já não atormenta tanto, pois conviver com outras lésbicas e com outras sapatão, mesmo de longe, faz desse tempo algo inesquecível, urgente e necessário.

Movimentossaberes afetivos! São modos de existir e resistir, atravessados pelos encontros, pelas histórias e memórias compartilhadas, em práticas pedagógicas e epistemológicas que reconheçam as emoções como elementos importantes no processo de ensinaraprender e que lutem por justiça social, política e epistêmica de corpos sapatão. Olhando pela janela do ônibus, esses movimentossaberes afetivos podem ser compreendidos como enlaçamentos entre pesquisa, ativismo, movimentos sociais e afetividade, um processo encarnado, sensível e horizontal.

...

Ela tem cheiro de lua,
Um cheiro de banho de lua.
Banha o corpo de coragem e sonho,
travessia luminosa de quem escreve-se
em insurgência e desejo.
Sentindo em silêncio:
ser sapatão também é poder dizer que tem cheiro de céu.

Considerações Finais

Em tempos de necropolítica e ofensivas morais sobre os corpos dissidentes, especialmente no campo da educação, torna-se urgente inventar práticas de formação que não apenas resistam, mas também reexistam. Assim, este artigo-conto emerge como uma escrita insurgente, performática e encarnada, que tensiona os limites da produção acadêmica tradicional. Ancorado em epistemologias feministas, decoloniais e sapatão, o texto transborda teoria e vida ao registrar, poeticaeroticamente, os encontros entre professoras sapatão em formação, seus afetos e resistências, desenhando como travessia metodológica e política que mobiliza os corpos como territórios de saber, as palavras como dispositivos de insubmissão e os afetos como práticas de resistência e reexistência.

Nas frestas do encontro entre pesquisadora e professora sapatão em formação, emergiram movimentossaberes que não cabem em categorias rígidas, mas se anunciam em cheiros, gestos e afetos. O cheiro de poesia dança-se como saber encarnado na palavra que pulsa, resiste e reinventa a existência, fazendo da palavra presença. A dor, com seu cheiro denso, ensinou a força de um saber forjado na coragem de permanecer sendo, transformando o medo em potência. Na timidez, floresceu um saber da escuta sensível, que também é política. Entre goles de cerveja, dissolveram-se silêncios e surgiram saberes da partilha, da memória e da leveza afetiva. E no cheiro de lua, brilhou o saber do sonho e da travessia, aquele que insiste em desejar mundos outros.

O conto “Banho de Lua” costura afetos, medos, encontros, dores e resistências, compondo um tecido de experiências que denuncia violências, mas também celebra a vida sapatão — uma vida que insiste em existir apesar do lesbocídio, da heteronormatividade, do epistemicídio. É um gesto de memória, uma estratégia de visibilidade, uma afirmação de subjetividades que se recusam a ser silenciadas ou apagadas.

O texto se compromete, ainda, com a justiça social, política e epistêmica, convocando, vocês, leitoras/es a pensarem a educação como espaço político de disputa de sentidos e vidas. Nesse contexto, produzir materiais pedagógicos, relatos e práticas narrativas como esse se mostra vital para a visibilidade e o direito de existir de lésbicas e sapatão. Mais do que um texto acadêmico, o artigo se constitui como um manifesto: por outras pedagogias, por outros corpos, por outras existências possíveis.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The new mestiza**. 2. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2000.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1: Introdução: o rizoma. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FERRO MOURA, Adriana; LIMA, Maria Glória. Roda de conversa como estratégia de formação docente: experiências em extensão universitária. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 42, p. 95–112, jan./abr. 2014.
- FONTES, Izabel. Contos autoficcionais: possibilidades de subjetivação e agenciamento na escrita de si. In: MACHADO, Arlete Tenório; GONÇALVES, Eliane Moraes (Orgs.). **Escritas de si, escritas de nós: identidade, memória e experiência na literatura e no ensino**. São Paulo: Paco Editorial, 2010. p. 79–91.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos**: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. Tradução: Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NAISE. Intérprete: Nina Oliveira. Composição: Nina Oliveira. 2018. 1 vídeo (3min 20s). Publicado pelo canal Nina Oliveira. Disponível em: <https://youtu.be/zYnGTt701t8?si=K2GoQfhWpwGcEu4O>. Acesso em: 9 dez. 2024.

POESIA, Rubra. Lésbica: a palavra temida. In: VERTE (org.). **Existência lésbica em poesia**. Novo Hamburgo, RS: Francine Diemer, 2021. p. 10-11.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. Tradução de Angélica Freitas e Daniel Lühmann. Rio de Janeiro: A Bolha Eidtora, 2019.

SANCHES, Sarah. **A poesia que pulsa**. 2021. Publicado por Ruído Manifesto. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/quatro-poemas-de-sarah-sanches/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Tradução de Maíra Mendes Galvão. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em julho de 2025.